O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

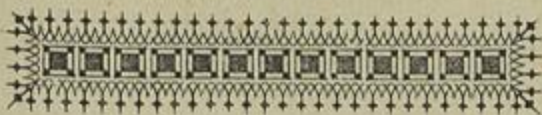
22.º Anno — XXII Volume — N.º 754

10 DE DEZEMBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Foram, sem duvida, os theatros o grande assumpto dos ultimos dias. E com razão.

Pódem as mais desencontradas noticias sobre a campanha no sul da Africa distrahir por momentos as attenções d'um patriota anglophobo ou d'um exaltado admirador dos boers. Discutem-se aqui ou acolá consequencias da batalha de Modder River, o discurso de Leicester. Mas logo, d'ali a um instante: — E da Réjane o que me diz você?

Réjane, sempre a Réjane, a estrella N.º 4!

Uma ou outra vez, por desfastio apenas, deixam-se dos labios cahir duas ou tres palavras sobre a peste do Porto. Uns poucos de dias a fio sem um caso novo! Isso sim, é motivo para felicitarmo-nos a todos. — E que me diz você ao *Frei Luiz de Sousa?*

Porque, como caso de grande sensação em theatro, não tivemos apenas a grande interprete da *Parisienne* em S. Carlos.

O *Frei Luiz de Sousa*, tão falado, ha tanto, por tanta gente, muita da qual nem de vista o conhecia, tão discutido ultimamente, tão mal agoirado agora por muitos, acaba de ser luxuosamente posto em scena no theatro de D. Maria. E a grande obra de Garrett, incomparavel, impoz se á admiração do publico.

E aqui está portanto o que temos, e não é pouco: em S. Carlos uma das maiores artistas do mundo, em D. Maria o mais assombroso drama que haja produzido o genio portuguez.

Recebida um pouco friamente nas primeiras recitas, a Réjane começou a deslumbrar o publico na *Sapho* e enthusiasmou-o por fim na *Parisienne* e na *Zaza*.

Mas não só esses theatros tiveram a honra de ser citados ultimamente com interesse. Outras novidades tivemos no theatro da Trindade com o *Relogio magico*, no da Avenida com a reapparição da Pepa, no D. Amelia com a excellente representação do *Fromont*.

Pleno inverno, ruas com lama, céos de chumbo, frio de rachar, theatros á cunha, concertos e bailes.

Animadissimo o ultimo baile no Club de Lisboa, concorridissimo o concerto de Vellani no salão do theatro de S. Carlos.

Estamos no asperrimo dezembro. Já veem intervallados os dias bonitos. Felizmente para os mais pobres foram lindos ainda os dias santos. E os comboios encheram-se de gente e uma familia inteira almoçou, jantou, divertiu-se desde manhã até á noite, pelo preço d'uma cadeira no theatro francez.

Quando o sol nasce é para todos. A luz electrica é que nem para todos se accende. Nem ella nem as estrellas.

E entretanto bem gasto é o dinheiro, quando nos venha a dar os maiores prazeres que são previlegio da grande arte.

Um dia uma velhinha nas varandas do theatro de D. Maria exclamava, vendo representar o Tasso: — Bemdito seja o pão que esse homem come!

E não chorava decerto os seis vintens que dera pelo humilde logar e que iam ajudar ao pão do grande actor que a commovêra.

Mas os grandes artistas estrangeiros vão deixar-nos, e, depois de distrahidas palestras sobre o discurso de Chamberlain e do que se diz e dirá na França, na Allemanha e nos Estados Unidos, ha de inaugurar-se a época lyrica, ha de representar-se o *Amor Louco* de Lopes de Mendonça, o *Poeta de Xabregas* de Schwalback, não sei quantos mais originaes e peças de sensação e mais uma vez os theatros darão assumpto a todas as conversações.

Acabaram os communicados de todas essas estações balneares, cidades e villas á beira-mar, onde apenas ficaram uns batoteiros teimosos em torno ás roletas, cuja bolinha continua a girar.

Algumas approximaram-se de Lisboa, achando

DR. JOSÉ PAES DE CARVALHO — GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ

maior commodidade nos preços por que lhes deu licença a camara de Oeiras.

Mas, apesar dos protestos de muita gente sensata e de longos artigos documentados em varios jornaes, apesar das reclamações da Associação Commercial de Lisboa, as casas de jogo e academias de bilhar continuam a funccionar como d'antes.

Mais um entretenimento; mas esse carissimo e para muitos, excepto para os especuladores do vicio alheio, desgraçado.

Verão ou inverno é lhes indifferente a esses que só teem em mira abusar da miseria ou da loucura dos que, com superior consentimento, lhes vão parar ás unhas sujas.

O mundo, disse o um sabio moderno, compõe-se de intrujões e de intrujados. Alguem que conhecia Lisboa, — era isto em muito melhores tempos — dizia que todas as manhãs no Terreiro do Paço desembarcava um tolo e que o caso era dar com elle. Hoje a caça aos tolos é uma sciencia completa e os grandes professores pedem a protecção do estado.

Que novo lindo auto da *Barca do Inferno* não faria Gil Vicente, se de novo voltasse ao mundo e vivesse n'estes lindos tempos em que os vicios se mascaram de excellentes virtudes e em que todos parecem apostar que hão de levar de vencida a Brizida Vaz em merecimentos!

Á barca, á barca, hou lá!
Que temos gentil maré!

Quantas figuras não metteria o grande satyrico, sem que por isso tivesse que pôr de parte fidalgos, onzeneiros, sapateiros, judeus, procuradores e as companheiras de Brizida Vaz e Joanna de Valdeis! Era caso para a peça não acabar com tanto actor que havia de falar dos merecimentos proprios e de entrar depois aos cachações na barca maldita.

O *Auto Pastoril Portuguez*, representado quando do centenario do descobrimento da India no theatro de D. Maria, teve um exito que ficou lembrado. Pena é que se não possam repetir outras obras de Gil Vicente que parecem ter sido escriptas para os homens d'hoje.

Conhecia Gil Vicente a perversidade humana em todas suas formas e soube chicoteal-e, e suas hypocrisias e todos seus ridiculos.

Porque o vicio é comico tambem e tambem se castiga e emenda com as gargalhadas que provoca.

Parece-nos que ninguem terá desejos de imitar o estroina do *Nouveau Jeu* nem o velho gaiteiro do *Vieux Marcheur*.

Mas as satyras de Gil Vicente iam mais alto que as de Lavedan e seu azorrague vergastava mais fundo.

As platéas d'hoje, de ouvidos mais sensiveis a certas durezas que os frequentadores das paços de El-rei D. Manuel e D. João III, não quereriam talvez escutar sem protesto muitos dos versos atrevidos do avô do theatro portuguez. Mas, alguns autos, além do pastoril, mereciam ser conhecidos, e, com pequenos cortes e uma ou outra habilidosa substituição, decerto chamariam concorrencia ao theatro, cuja empresa tivesse uma tal iniciativa digna de applauso.

Quando Maria Guerrero esteve em Lisboa e nos deu a conhecer algumas das obras primas do velho theatro hespanhol, muito se falou da possivel ressurreição de algumas peças que em Portugal, ha seculos, tiveram fama.

Se exceptuarmos a obra de Gil Vicente, nada temos por certo que se possa comparar ás excellentes comedias de Calderon, de Lope de Vega, de Tirso de Molina, mas, com boa vontade, alguns espectaculos classicos se poderiam realisar sem receio de que lhes faltasse o applauso do publico, prompto sempre a fornecer as maiores surprezas a quem duvide de seu gosto instinctivo por quanto é bello e se impõe por si mesmo á admiração.

Prova-o o enthusiasmo com que, ainda ha poucos dias, applaudiu a obra prima de Garrett, que muitos julgavam superior á intelligencia media das platéas e envelhecida no que tivesse de mais facil apprehensão.

O que uma vez é deveras bello em arte é bello eternamente.

João da Camara

DR. PAES DE CARVALHO

Resolvidos a partir para o Pará, é intuitivo que curassemos de nos informar sobre as pessoas e as coisas d'esse grande Estado, para nós, ainda hoje, paiz extrangeiro, mas que, com isso contamos, ser-nos-ha, ámanhã, uma segunda patria. Tal fizemos. e. ao passo que, com relação ao clima, por exemplo, as informações recebidas divergiam profundamente, sobre um ponto foram ellas todas concordes: em que é governado por um dos mais honestos e dos mais intelligentes estadistas brazileiros.

Uniformidade tão accentuada de dizer, excluindo possibilidade de lisonja, calou-nos no espirito, despertou em nós um duplo sentimento de sympathia e de admiração conjugadas, que, de commum, os homens politicos estão longe de nos inspirar...

E, quanto mais indagavamos, quanto mais sabiamos, quanto mais liamos o que sobre elle se tem escripto, mais nos convenciamos de que a distincção que espontaneamente se operára em nós uma razão de ser havia e poderosa.

É que o dr. Paes de Carvalho sobre politico, é tambem um homem de sciencia, e sobre homem de sciencia é ainda um Bom!

Como governante, ahi está fazendo o elogio da sua administração esse florescente Estado — o mais florescente de todos os da União Brazileira, — aos destinos do qual o seu nome se acha vinculado tão gloriosamente; como homem de sciencia, os fastos da Escola Medica de Lisboa poderão certificar que poucas intelligencias como a sua lucida, teem passado por aquelle estabelecimento scientifico, deixando na esteira um rastro de luz e de sympathias pessoaes e intellectuaes que os annos não sido impotentes para offuscar; pela bondade e generosidade do seu coração respondem innumeros rasgos que correm de bôca em bôca, os quaes descrever seria roubar-lhes o melhor do seu encanto, sendo a caridade principalmente apreciavel quando immersa no recato, mas de que ainda ha pouco um seu biographo, o sr. Marrecas Ferreira, nos offereceu commovente specimen.

Clinico illustre e operador emerito, ainda hoje, elevado ás culminancias do poder pela justa homenagem de seus concidadãos, se não dedigna facultar a estes o precioso auxilio do seu muito saber e da sua muita experiencia. E não só aos concidadãos, que, ainda ha pouco, a compatriotas nossos e amigos queridos, recemchegados ao Pará, com a mais dedicada solicitude impunha a sua auctoridade de medico, por fórma a garantil-os, dentro do possivel, contra o ataque traiçoeiro das doenças proprias do clima.

Educado em Lisboa, o dr. Paes de Carvalho deixou entre os seus condiscipulos justo renome de orador fluente e inspirado, sendo a sua palavra nimiamente suggestiva, o que lhe valeu ruidosos triumphos na Associação Philomatica, de que foi um dos fundadores, e onde produziu brilhantissimos discursos. D'uma faculdade de assimilação rara, citam-se assumptos profissionaes tratados por elle com o mais profundo conhecimento de causa, mediante rapido e menos que perfunctorio estudo especial.

Não de todo despido de uma tal ou qual originalidade, attribue-se-lhe a seguinte anecdota que não deixaremos de referir, pelo que, ao mesmo tempo, envolve de lisonjeiro para nós, os portuguezes:

No Pará, salteou-o, um dia, a nostalgia de Lisbôa. Immediatamente tomou logar a bordo de um paquete. Desembarcado no Tejo, foi almoçar ao Aurea, e, informando-se, ahi, de que n'aquella mesma tarde tinha vapor para o Pará... tornou logo a embarcar.

Viera apenas matar a saudade!

Amigo sincero dos portuguezes, não sabemos se discretamente os extremamos, acima, dos seus concidadãos. Distincção tal é facil que nem sequer se dê no seu espirito, onde as familias brazileira e portugueza constituem uma só para o effeito de seus dedicados carinhos e cavalheirosas attenções. E, d'isto, ainda, ha poucos dias decorridos, elle nos deu enternecida prova, sendo, como foi, o seu, um dos primeiros telegrammas de condolencia recebidos em Lisbôa, por occasião do tragico fallecimento do Dr. Camara Pestana.

*
* *

Ao eminente estadista brazileiro, cujo nome, ligado intimamente á historia da sua patria, é hoje conhecido em toda a Europa, e, mais do que conhecido, estimado em todo Portugal, tributa, pois, o OCCIDENTE, o seu preito de homenagem. E, nós, muito nos felicitamos pelo ensejo que se nos offerece de podermos, desde já, apresentar a S. Ex.ª cumprimentos que temos esperança de, muito respeitosamente, lhe reiterar, de viva voz, dentro de pouco tempo.

Tito Martins.

AS NOSSAS GRAVURAS

J. R. CHRISTINO DA SILVA

E' o actual director da secção industrial do Instituto Lauro Sodré, no Estado do Pará, Brazil, e, ao mesmo tempo, professor das cadeiras de desenho linear e de ornato do mesmo estabelecimento de ensino.

Explicarmos aos nossos leitores o que representa, para o referido Instituto, a acquisição de um artista como Christino seria cahir no pleonasmo, tanto o conhecem elles e apreciam, como collaborador que é, de ha muitos annos, do OCCIDENTE. Limitar-nos-hemos, assim, a felicitar o governo do Pará pela escolha que, quer como competencia profissional, quer como honestidade de caracter, não podia ser mais feliz.

Probo, trabalhador, intelligente e zeloso, Christino tem a responder por elle não só um tirocinio de onze annos nas escolas industriaes portuguezas, como uma bagagem de quadros, desenhos, gravuras, etc., os quaes nas exposições do Gremio Artistico lhe hão merecido varias recompensas.

Foi professor e director da escola industrial de Leiria, onde houve jus a uma portaria de louvor, pelos trabalhos realisados no mosteiro da Batalha, e, ultimamente, era professor de desenho da Escola Marquez de Pombal de Lisboa, d'onde se acha affastado, com licença illimitada. O seu contracto para o Brazil é por seis annos, decorridos os quaes, fazemos sinceros votos por vel-o regressar rico e feliz.

Como apontamento biographico diremos ter Christino nascido em Lisboa, em 9 d'outubro de 1858, na freguezia de S. Thiago do Castello, sendo filho do grande pintor portuguez do mesmo appellido — ascendencia illustre que, repetimos, elle se esforça por honrar com o mais feliz resultado.

RÉJANE

Depois da Sarah, da Granier, da Hading, que, nos generos theatraes mais diversos, tanta vez, em noites successivas, enthusiasmaram o publico, pelo brilho que déram á execução de seus papeis, depois do *Hamlet*, do *Vieux Marcheur*, da *Sapho*, só um talento como o da Réjane poderia ainda achar fibras não exgotadas para fazer vibrar, almas não adormecidas de cançasso para commover ainda.

Tendo-se estreiado com a *Madame Sans-Gêne* de Sardou, peça muito conhecida em Lisboa, onde foi representada por Lucinda Simões no theatro da Rua dos Condes, e tendo já n'essa peça revelado todos os dotes de seu extraordinario talento, cada noite foi o enthusiasmo crescendo, até que a prodigiosa actriz conseguiu pelos seus processos de grande simplicidade ver-se acclamada delirantemente na inolvidavel noite em que representou a *Zaza*.

Réjane é a rival da Duse Considerada em Paris como a primeira actriz de comedia, mas não lhe faltando, como exuberantemente o teem provado, recursos para o alto drama, o seu giro artistico pela Europa foi uma serie de triumphos.

Sem lançar mão dos velhos processos para commover, Réjane impõe-se á admiração de todas as platéas cultas pela artistica sobriedade dos meios que emprega.

Breve nos vai deixar.

Foi uma chave d'oiro.

ALTAR DE S. FRANCISCO XAVIER

Em artigo especial subscripto pela penna bem aparada de um dos nossos mais estimaveis collaboradores, fazemos a commemoração da data do fallecimento do grande apostolo das Indias — S. Francisco Xavier, a qual passou em 2 do cor-

rente. A esse estudo remettemos os nossos leitores, reservando-nos para n'este logar lhes offerecermos apenas uma ligeira indicação da estampa que publicamos com o titulo de Altar de S. Francisco Xavier. É na egreja do Bom Jesus, situada no antigo terreiro dos Gallos da velha cidade de Gôa, que elle se encontra. O altar é de madeira doirada. As tres lampadas de prata que se vêem na estampa, e que no tempo dos religiosos ardiam continuamente pezam cada uma 70 marcos.

O caixão de prata em que está o sagrado deposito do santo, na capella por detraz d'este altar, pesa 600 marcos. A imagem do mesmo santo, que se vê sobre o altar, é de prata fundida, e pesa 200 marcos. Foi offerta de uma senhora genoveza, e tem 6,5 palmos de altura, incluindo o pedestal, em que se lê a seguinte inscripção:

SANCTISSIMO INDIARUM APOSTOLO
FRANCISCA DE SOPRANIS PATRITA GENUVENSIS
URBAM DURATY OLIM UXOR
NUNC MARIA FRANCISCA XAVERIA
IN CELEBERRIMO INCARNATIONE MONASTERIO
CHRISTI SPONSA
PEREGRINO CŒTESTI
PEREGRINI AMORIS VOTUM, ET MONUMENTUM
P. P. ANNO DNI 1670

A imagem conserva ainda o bastão que o conde de Alvor lhe collocou em uma das mãos em 1683.

O APOSTOLO DAS INDIAS

(FALLECIDO EM 2 DE DEZEMBRO DE 1552)

«Francisco Xavier, um segundo S. Paulo...»
JEAN ALZOG.

Uma das physionomias historicas mais proeminentes, aquella talvez que se accentuou mais profundamente no espirito d'um povo foi um filho da Hespanha que, alma ardente de peninsular e apostolo convicto d'essa doutrina amoravel que teve inicio n'um crucificado, deixou na India e no Japão, servindo Portugal, signaes indeleveis da sua passagem.

O padre Xavier alliava á comprehensão clara da missão sacerdotal as qualidades nobilissimas, já raras agora, de absoluta abnegação e de inteiro desinteresse. O seu tumulo ainda hoje é visitado por multidões que lhe veneram a memoria.

Amou Portugal como se fôra portuguez e espalhou o Christianismo com ardor indomito, vendo n'aquelle a sua patria terrestre e reconhecendo n'este a verdade porque anhelava. Miliciano da Companhia de Jesus, foi um jesuita sympathico cujos trabalhos postos ao lado de tudo quanto de mau se attribue á ordem poderosa ficariam de pé, resistindo ao rigor analytico da critica de maior escrupulo pela excellencia invulneravel que promana do bem.

O seu seculo, periodo notavel a que se ligaram os commettimentos mais arrojados, hora solemnissima de esplendor inapagavel no caminhar da civilisação, teve no amigo e companheiro de Ignacio de Loyola a prova provada de que ha glorias superiores aos triumphos guerreiros e ao bom exito de emprezas civis, glorias sem estrondo que, quando os imperios já desabaram, o poderio dos grandes passou a cinzas e o brilho das vaidades loucas e da prosapia estulta se extinguiu, existem intensas, lançando muita luz, a sufficiente para alumiar os coveiros na sua tarefa ingrata e obstar á queda desastrosa dos que souberam manter-se firmes no senso commum e na dignidade. Nasceu D. Francisco Jasso Azpilqueta e Xavier, no mez d'abril de 1506, no castello Xavier, na Navarra, a pouca distancia de Pamplona.

Mais tarde, estando em Paris, cidade para onde fôra estudar, travou relações com Ignacio de Loyola, como elle tambem hespanhol e não obstante desdenhar a principio a doutrina do exsoldado galanteador e bravo abraçou-a emfim, compartilhando o pensamento que fez brotar a ordem de Jesus.

«De que serve ao homem, perguntava-lhe Ignacio com insistencia, ganhar o mundo inteiro, se perde a sua alma?»

Espirito culto, sentir de poeta, Xavier não resistiu por muito tempo ás exhortações do amigo a quem, depois, quando dirigisse cartas havia de escrever de joelhos.

Reinava entre nós D. João III, quando o seu embaixador em Roma, D. Pedro Mascarenhas, impressionado pelos resultados felizes obtidos pelos jesuitas na Italia em favor da religião e da pureza dos costumes, pensou que seria aproveitar bem os seus serviços conseguir empregar-lhes a actividade nas Indias. Deixando amadurecer semelhante ideia na mente e communicando-a a quem podia ordenar melhor do que elle, o Papa consentiu que seguissem para Lisboa o portuguez Simão Rodrigues de Azevedo e o hespanhol Francisco Xavier, ambos da ordem.

Uma vez na capital portugueza, Xavier largou o Tejo para o seu destino em companhia do governador Martim Affonso de Sousa, no anno de 1542, chegando a Goa nos primeiros dias de maio.

Gôa! joia fulgurante na corôa gloriosa da minha patria, nome de terra tão dilecta para Albuquerque, era necessario que associasses á memoria dos guerreiros famosos que tiveram por berço o berço de Camões, os feitos da palavra mystica e do exemplo insinuante que imprimem realce maior nas feições suaves do terno apostolo das Indias!

Missão! «que um homem, disse Chateaubriand no *Genio do Christianismo*, em face das multidões, dos parentes e amigos, se exponha á morte em prol da patria, e troque alguns dias de vida por seculos de gloria, isso importa lustre, augmento de bens e de honras a sua familia.

Mas o missionario, cuja vida se consome no imo espêsso das florestas, que morre de horrivel morte sem espectadores, sem applausos, sem vantagens para os seus, obscuro, despresado, alcunhado de demente, de inepto, de fanatico, e tudo isto por dar eterna felicidade a um selvagem incognito... que nome se ha-de dar a esta morte, a este sacrificio?»

Para Xavier não havia barreiras temerosas nem difficuldades invenciveis, tinha na fé a força indestructivel e impellia-o amor immenso, amor puro que o fez exclamar:

«Muevesme al tu amor em tal manera,
«Que aunque no hubiera cielo, yo te amara.
....
«No me tienes que dar porque te quiera:
«Que aunque quanto espero, no esperara,
«Lo mismo, que te quiero, te quisiera.

E alcançou a victoria, triumphou não só dos elementos da natureza mas dos estimulos da materia.

A pagina que Francisco Duarte Almeida e Araujo transcreveu na sua *Historia de Portugal*, a proposito de Xavier, é de molde a mostrar em toda a plenitude o estado immoralissimo em que elle encontrou os povos do nosso Oriente e a grandeza real do seu prestigio; eil a:

«Logo que Francisco Xavier chegou ás Indias, achou os portuguezes na maior devassidão de costumes a que podiam chegar. Em todas as eras o esquecimento da virtude, a ambição, a desmesurada cubiça das riquezas, e a mollura tem sido causa de se arruinarem as republicas mais florescentes, e os mais potentes imperios. Imperavam os vicios principalmente entre os indios portuguezes. A usura passava por economia: a justiça vendia-se a peso de ouro; o crime tinha segura a impunidade por mais publico que fosse, com tanto que houvesse posses para contentar a cobiça dos juizes: a inveja era havida por emulação, a vingança por honra, e o luxo e despejo eram sem limites. Todo o portuguez que era rico, mantinha publicamente em sua casa seis ou sete escravas, das quaes se serviam como de sua legitima mulher. Muitas vezes impunham-lhe uma taxa de certa somma de dinheiro por dia, e esta odiosa tyrannia obrigava as infelizes escravas a prostituir-se por dinheiro; soffria-se e approvava-se este vergonhoso vicio entre a maior parte dos portuguezes. Os monges que tinham sido enviados ás Indias não estavam menos devassos; olhavam só para si e não para a religião. De maneira que a sua preguiça e ignorancia eram parte para os indios os desprezarem da mesma sorte que os portuguezes: nem elles tinham mais merecimento que a sua soberba. Emfim chegou Francisco Xavier a Gôa, e todos os portuguezes, e indios ficaram enamorados de seu espirito, erudição e humildade. Suas virtudes produziram tambem bom effeito nos monges. Os quaes temendo que sua auctoridade não diminuisse á proporção que se fosse augmentando a de Francisco Xavier, entraram a applicar-se ao estudo, a prégar e a correr todas as costas das Indias a fim de levar a ellas a luz do Evangelho».

Attingio milhões a cifra dos conversos á fé catholica por este batalhador austero e incançavel; desde as creanças, sua primeira e farta messe, até aos adultos arraigados tenazmente aos principios da religião de Brahma, Visnu e Shiva; da cabana miserrima do triste pária até ao palacio faustoso do opulento todos se deixavam enleiar pela voz meiga do inspirado de Deus. Ensinamento salutar a uns, conselho opportuno a outros, lição eloquente a todos no espectaculo dos seus actos espontaneos, não se retrahia a tactear e a lenir com os proprios labios se julgava preciso, as pustulas asquerosas e pestilentas dos enfermos chagados.

Tendo conseguido baptizar durante um mez em Travancore, cêrca de dez mil idolatras, exprimiu a alegria intima que lhe ia na alma n'esta phrase energica: «Era um espectaculo tocante, vêr com que emulação santa estes neophytos derribavam os templos dos seus idolos». D'ali correu a Malaca, onde egualmente o esperava um diadema novo para a sua fronte seraphica.

Vejamos na linguagem olorosa e quente d'um illustre filho de Gôa, o meu dilecto amigo Francisco Xavier Frederico Diniz d'Ayalla, a narrativa commovente de factos que inscreveram o nome do apostolo nos annaes da historia militar colonial do nosso paiz: «Uma noite (18 de outubro de 1547) os achens entraram em Malaca e puzeram fogo aos navios portuguezes estacionados no porto. Pela manhã do dia seguinte, no meio de um alvoroço indescriptivel, dirigiam-se ao palacio do capilão Simão de Mello alguns homens horrivelmente mutilados pelos barbaros, e que eram portadores de uma carta affrontosa escripta com o proprio sangue dos infelizes. Malaca aterrada, tendo apenas oito navios deteriorados e 180 combatentes, resolvia-se a soffrer resignada o insulto do rei de Pedir. Xavier regressava da egreja da Senhora do Monte, pesaroso e scismador, quando deparou com esse horrivel espectaculo, que a todos inspirava dó e espanto. Procurou indagar, e disseram-lhe que Simão de Mello não queria dar batalha. O desanimo era geral e ninguem se atrevia a castigar a insultante provocação dos reis de Pedir e de Bintang. Xavier, apparentemente calmo, rompeu pela turba até chegar onde se achavam os pobres pescadores maniatados e contorcendo-se de dôr. Vel-os e erguer aos céos os seus bellos olhos cheios de lagrimas foi obra de um instante. Entrega o breviario a um rapaz que o acompanhava e desapparece. Para onde irá o padre Francisco tão apressado? — perguntavam os habitantes de Malaca, que n'esse tempo invadiam as ruas, commentando assustadoramente o acontecimento do dia. Quando chegou á presença de Simão de Mello, o capitão e os seus officiaes estavam da janella de uma torrinha a observar o porto, d'onde um negro fumo vinha cobrir a cidade de um véu de crepe. Xavier conheceu logo o estado de consternação em que todos elles se achavam, e dirigindo-se ao capitão da Fortaleza lhe perguntou com ar satisfeito: Então, quando partimos? Todos receberam a pergunta com um sorriso amargo. Tudo está prompto á primeira voz e, se fôr preciso, irei eu commandar, Sr. Simão de Mello — tornou o padre santo. Já n'esse tempo o povo apinhado á porta do palacio esperava com anciedade Xavier. Meus filhos — disse-lhes — nós saberemos castigar esses atrevidos; mãos á obra e coragem. O povo seguiu-o arrastado. Em poucos dias partia barra fóra a flotilha capitaneada por D. Francisco de Eça. Um punhado de homens ia agora, á voz de Xavier, affrontar n'um perigoso mar uma frota poderosa e os marinheiros mais audazes do Oriente.

(Continúa) *D. Francisco de Noronha.*

O tambor-mór «Ponte-do-Sul»

POR A. ASSOLANT

A um canto da praça grande de Longueville, denominada *praça d'Armas*, ergue-se um casebre muito velho e muito feio, repartido em dois corpos principaes. Em um d'elles está a estalagem e no outro uma estrebaria magnifica, acondicionada para recolher 70 ou 80 cavallos. Pertencia, ou pertence ainda, a sobredita estalagem ao famigerado Ponte-do-Sul, ex-soldado de Napoleão, hoje locandeiro de primeira classe, considerado, venerado, respeitado dez leguas em redor de Longueville, por quem quer que saiba destinguir uma lebre ensopada d'uns frangos de fricassé.

Ponte-do-Sul e filho da tarimba — Pae, incognito Em Hespanha, á falta d'outra conquista, ganhou a alcunha de Ponte-do-Sul, que memorava a mais celebre entre as suas façanhas.

«Vae d'ahi, rapazes, dizia, pois que a narrativa apparecia a todo o momento nos seus aranzeis, «andava eu lá pela Hespanha, com o Massena, principe d'Essling, e mais o Ney, duque de Elchingen — dois macacões de rabo pelado, sou eu

JOÃO RIBEIRO CHRISTINO DA SILVA

DIRECTOR DA SECÇÃO INDUSTRIAL
DO INSTITUTO «LAURO SODRÉ» DO ESTADO DO PARÁ

que lh'o digo. Tinhamos pregado nos austriacos uma esfréga mestra e — como o outro que diz — apanharam-n'a e nem tiveram tempo para se coçar. E vae ó depois, voltava eu de Wagram e preparava-me a ir dar a minha ensinadela tanto aos hespanhoes como aos inglezes; que o meu officio n'aquelles tempos era amansar aquelles sucios assim como quem quebra o genio ás creanças.

Como eu ia dizendo, o Massena lá carregou comigo; que elle, faça-se-lhe justiça, não era homem que marchasse para a festa não indo eu, — que eu tambem — lá sem elle é que não ia. Entre collegas, já se deixa ver que não pode ser por menos. Não *óstante*, o imperador que era finorio — não sei se sabem — por manha tinha deixado entrar os inglezes em Portugal, com aquella — já se deixa ver — de pregar com elles no charco, com commodidade e limpeza — acção de tino — lá isso era — e para bem de todos, de mais a mais. Uma bella manhã, eil-o que manda chamar o Massena — «Meu velho» — diz-lhe o *outro*, «é preciso pôr as pernas a caminho; és o meu braço direito, o meu mordomo, como a quem diz — e esta empreitada, confio-a eu de ti e de mais ninguem. O mar está além, bem vês, e os inglezes amerzendados á borda d'elle. Arruma-lhe se um impurrão valente, e ficamos sabendo se aprenderam a nadar com os patos ou se são homens em pessoa natural. O bom do meu Massêna entrou a fazer-se rogado — fazer-se rogado para atirar com os inglezes á agua! Que o velhote, coitado, tinha agarrado a sua doze de gôta e de rheumatico: estava-lhe o corpo a pedir descanço.

Sabidas as contas, diz-lhe o Imperador: «Se te resolveres a ir, dou-te um reino de presente — Qual d'elles? perguntou o outro. — Qual quizeres, tornou-lhe o Imperador. Ha lugar á farta em Portugal. Corta pela droga á vontade, e talha a casaca á tua medida.

O bom do Massêna abalou logo por ali fóra, e levou-me comsigo, para entreter as tardes, já se vê. — Atravessámos o Danubio, atravessámos o Rheno, atravessamos o Loire e mais o Garonna, atravessámos os Pyreneus, e, por todo o caminho, não ouviamos senão: Mein Gott, mon Dieu, gracias a usted, até que prantámos o pé n'aquella terra de farruscos. Ai rapazes! ali é que o officio entrou a ser pesadinho; um tiro d'ali, uma bainetada d'acolá, sua naifada á mistura, de tudo apanhámos, para variar. Marchavamos por uma estrada qualquer, por detraz de cada muro, um cano de espingarda — apontar... fogo! — Estafavam uma pessoa e é que nem tinha tempo de dizer: «agua vae»! Entrava a gente para ahi na primeira aldeola. Pedia pão e vinho. Sentava-se á meza. O dono da quitanga — zás — mandava uma facada a um sujeito sem elle ter tempo de dar por isso

Cheguei a ter saudades da Allemanha, e d'aquelle eterno Ia mein Herr e d'aquellas bellas loiráças tão rechonchudas, d'olhos azues — e da rica *choucroute* bem azedinha — e dos chouriços a saber a alho. Sequer ao menos, podia a gente dormir a sua raposeira decançado, fóra das hóras do serviço. Em summa, cada terra tem seu uso — e acabou-se.

Emquanto andámos lá pela Hespanha — a coisa não correu mal. — O Massena não era pr'ahi nenhum recruta, assim como nem eu, nem o marechal Ney — e, em cada qual tendo sempre a escopêta na mão esquerda, o olho no visinho, engulindo a ração, em pé, sem tirar a mochila, ainda assim estava a gente de grande. — Afinal de contas, francezes são francezes — não são para ahi nenhuns gulotões — Boláxa — um náco de toicinho, nos dias de festa — e tabáco, a toda a hora — ahi tem vocês o nosso passadio — Não quero dizer que engordasse muito n'essa temporada, — tambem, engordar, para quê? — Engordar! — É bom para os pórcos. Os hespanhoes, esses é que não estavam com tantas cerimonias — Alguns d'elles vi eu, dos que fizémos prisioneiros, que, ao almôço, era um dente d'alho e ao jantar, um cigárro — É questão de temperamento, afinal de contas.

Mas assim que chegámos a Portugal, meus amiguinhos, ahi é que foi obra — Tres vezes nada coisa nenhuma — Adeus toicinho, adeus vinho, adeus boláxa! — Os patifes dos inglezes — são mais vorázes que os lôbos — tinham chacinádo tudo — carregado com tudo, comido tudo e queimado o resto, dez léguas em redor. Nem uma arvore, nem uma cása, nem uma moita, sequer! Nem uma couve, nem uma batáta, nem um carneiro, nem uma perdiz, nem um melro, — nada, pela palavra nada! — Penhascos denegridos — terra queimáda — um sól de escácha! — agua, nem raça! — e bicharia! podia-se varrer! Andáva a gente içada, comida d'elles, da planta dos pés até á raiz dos cabêllos! A gente não comia — éra comido, tive momentos em que éra capaz de dar a vida por um guizado, por uma *choucroute*, por uma codêa e uma vez de vinho.

Vae senão quando, um bello dia, no Bussaco, amanhecêmos com as malditas fardas vermelhas em frente do nariz. Aquillo, uma comparação, é como se prantassem um taboleiro na cumeáda d'uma serra. Entre o taboleiro e o monte fronteiro passava a estrada de Coimbra. Infanteria, cavallaria, artilharia, engenharia, lá estava a terra-motada toda, e mais o Wellington — podéra — a mirar a gente pelo oculo — Estava-se a perceber — o tratante tinha-se nos atravessado no caminho que ia dar ao tal taboleiro, caminho ingreme que nem uma escada de mão — e dava-nos a intender que não havia licença para ninguem passar. Já vêem vocês que o Massena, acostumado a passar por onde o diabo nunca passou, não éra homem que cruzasse os braços e se deixasse ficar para alli, lá porque um meliante d'um inglez se lhe tivesse mettido em cabeça fazer-lhe pirraça — «Hei de passar, disse o Masséna — Isso é que não passas — tornou-lhe o inglez, sem se bulir do poiso, que nem que fosse um frade de pédra — Isto percebiamol-o nós pelo movimento dos dois oculos, que nem o Masséna nem o inglez tiraram o oculo de cima um do outro.

Até que emfim tocam as cornetas — a atacar — e nós a marinhar por ali acima até o taboleiro — : nós, é como quem diz — todo aquelle a quem as balas dos inglezes não levaram os braços e as pernas — que os malditos casacas de lagosta teem bôa pontaria, e nós estavamos mesmo ao pintar para lhes servir de alvo. Chegámos lá cima, a dei-

PALACIO DO GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

A ACTRIZ RÉJANE

tar os bofes pela bôcca fóra! Que a gente já se deixa ver, debaixo de fôgo das baterias não está p'ali a marcar pásso como quem anda lá na paráda.

Que elles, se tivessem um bocado de creação, o que deviam era estar á nossa espera com cadeiras e refrescos, que o calor apertava — essa lhes juro eu. — Pois sim, esperem que já vae — os nossos amigos inglezes o primeiro cumprimento que nos fizeram foi mandar-nos uma descarga de metralha e ficaram logo para ali estendidos uns 500 ou 600, dos que iam na frente. — E sem estarem com mais cerimonias, como o mais longe que estariamos das linhas d'elles seriam pra'ahi uns dez passos, receberam-nos com um fôgosinho miudo de pelotão, tão regular e tão certeiro, que até os mais veteranos confessavam nunca terem apanhado outro egual. — Cá estou eu, que a esse tempo já tinha visto muita coisa, mas uma saraivada d'aquellas é que nunca, palavrinha! — Que elle, diz lá o ditado, quanto mais se vê mais se aprende. — No meio de toda aquella infernei-ra, a nossa artilheria, que ficava por detraz das nossas costas, nem tugia nem mugia, com mêdo de nos fazer mais damno a nós que ao inimigo, — «calar baionetas» — o grito foi geral — Que elle, valha a verdade — o caso era o que pedia — visto que a respeito de artilharia estavamos baldos ao naipe.

Lá nos aguentámos bem, ou mal, tratámos de entrar em forma, cada qual conforme poude, debaixo d'aquelle fôgo tão cerrado e fômos pra'cima dos inglezes.

Mas aquelles maquinos eram seis contra um e esperaram-nos a pé firme. E lá tivemos que descer pelo mesmo caminho, e de dar cêbo nos calcanhares. N'este comênos, chegou reforço, tornámos a subir e afinal veio a acabar a festa em passarmos á hora da ceia cá em baixo no valle. Uma espiga d'estas, para outro qualquer, era cáso para fazer criar asco ao officio, mas o Massena — olha quem!

O démo do vegête era teimôso que nem uma mula. — «É taréfa para ámanhã» foi o que disse, visto isso e os autos, tratou cada qual de riscar a cama, — dizendo com os seus botões que era preciso marchar e que um francez não pára assim sem motivo. Ora, sempre quero que me digam, vocês acham que era motivo serio aquellas cincoenta mil fardas encarnadas, a mirar a gente lá de cima do taboleiro? Já se vê que não, pois não é verdade?

Não óstante, o ter de subir era uma dos diabos! — Vendo a teima dos inglezes, o Montbrun que commandava a cavallaria, como quem diz os caçadores e os dragões, sae a campo, fareja um atalho que os inglezes tinham reservado para as cabras, pássa para a outra banda da serra, e vae tomar a retaguarda ao inimigo — os bifes, incommodádos a valer com a visinhança abálam a passo dobrado, meia volta á direita — e para a frente — ficámos contentes com'uns ratos d'apanhar o taboleiro de graça, e ainda por cima a satisfação de vêr os casacas de lagósta metter a tróte largo pela estrada de Lisboa.

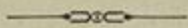
É armar de paciencia, rapazes! que a minha historia é compridita. — Quem teve a culpa foi a natureza. Fadou-me para dar lambada, que lá para discursos, nunca tive geito. — Tivesse eu andado dez annos a coçar os fundilhos ás calças pelos bancos do collegio, tal qual lhes succedeu a vocês, seus bonecos de sabugo d'uma figa, talvez que não fosse tão peguenho — que eu bem os oiço cantar, forte sucia! Nunca viram nada, e o que sabem é depennar o lavrador a poder de gatafunhos e de papel sellado. — E vae d'ahi, para não lhe estar a impingir tudo quanto fiz lá por Portugal, — que não sahiamos d'aqui nem lá para a meia noite, saibam que, certo dia, fui eu quem salvou o exercito — e para prova, cá está esta cruz que trago ao peito — que as cruzes, n'esse tempo, não choviam para ahi como succede hoje em dia — e não havia uma só que não valesse, quando menos, um arranhãozito na pelle. — Um arranhão, disse eu! — As mais das vezes era cada buraco, que até cabia a mão!

Com'eu ia dizendo — depois da sarrafusca do Bussaco, pensava toda a gente que não havia mais senão levar aos impurrões os inglezes até ao mar. Seguimos-lhe o rasto — é só deitar-lhe a unha — Isso sim! Trama-se a coisa outra vez! Aquelles maquinos estavam mas era escondidos atraz das trincheiras, e para lá entrar dentro — porta — que é d'ella? — para trepar por ali acima — faltava o melhor — que era a escada — já era azar! Dava até vontade de rachar a cabeça contra um penedo. — O Massena, esse então, de bravo que estava, roia as unhas até ao sabugo.

E para ali estivémos pespegados seis mezes sem jantar, e, para maior arrelia, os inglezes, lá

em cima, das trincheiras, entretinham-se a atirar cá para baixo ossos de galinha, de costelleta e de rós-bife—e faziam negáças á gente com as codeas dos impadões para nos fazerem rabiar. Lá da Inglaterra mandavam-lhe a paparoca, quentinha do fôrno — e farpellas a rôdo; fazendas leves para o verão e pesadas para o inverno.—Não que aquelles gentlemans, tratam-se, olé. — Nas sarrafuscas da vanguarda, aos mortos encontravamos lhe sempre as algibeiras cheias de dinheiro, e por baixo das fardas, bellas camisolas de flanella, tal era o medo que tinham de constipar a sua rica pelle.

Não lhes faltava nada, áquelles sujeitos! Pois sim, mas a gente é que não podiamos ficar para ali pasmados para elles até ó dia de juizo, magros como espetos, c'o a barriga pegada ás costas, que nem galgos com morrinha, a curtir fome de lobo. — «Olho vê e mão pilha» dizia-nos o Massena. — Pilhar! era bom de dizer. Pilhar, o quê?

(Continua) *Pin-Sél.*

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado do numero 751)

Elles não lavram nem criam gado. Não ha aqui nem bois nem vaccas, cabras, ovelhas, gallinhas ou qualquer outra especie domestica. Só comem d'esse inhame, de que aqui ha muito, e das sementes e fructos que a terra e as arvores dão espontaneamente. E com tudo isto andam taes, tão rijos e tão nedios, que não o somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Emquanto elles n'este dia alli andaram, sempre ao som de um tambor nosso, dançaram e bailaram com a gente de bordo, por tal forma que se mostraram mais nossos amigos do que propriamente uns para os outros. Se qualquer dos homens das náos lhes acenava para que viessem a bordo estavam logo promptos, e tão decididos, que, se se convidassem todos, todos quereriam vir. Porém não trouxemos n'essa noite senão uns quatro, a saber: o capitão-mór dois, Simão de Miranda um, a quem já trazia por pagem, e Ayres Gomes outro, pela mesma maneira. Aquelles que o capitão trouxe era um dos que primeiro estiveram a bordo, e que appareceu n'esta occasião vestindo a camiza que lhe demos, e com elle um seu irmão, os quaes foram n'essa noite muito bem recebidos e agasalhados, servindo-se-lhes carne, e uma cama de colchões e lençóes, para mais os captivar.

VIII

ARVORA-SE UMA CRUZ COMO SIGNAL DE POSSE TOMADA PELA COROA PORTUGUEZA — CONCLUE A NARRATIVA

No dia de sexta feira, que foi o primeiro do mez de maio de 1500, pela manhã, saimos das náos para terra, levando a nossa bandeira. Fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu melhor collocar a Cruz, de fórma que fosse bem vista.

O capitão escolheu o sitio, e ahi mandou que fizessem a cova para a plantar. E emquanto se estava fazendo a excavação, foi o capitão-mór com todos nós buscar a Cruz, abaixo do rio, onde ella estava.

Trouxemol-a d'alli, vindo os religiosos e sacerdotes adiante cantando, á maneira de procissão.

Estavam n'este logar uns setenta ou oitenta naturaes, dos quaes, assim que nos viram, vieram logo alguns metter-se debaixo da Cruz para nos ajudarem. Passámos o rio ao longo da praia e fomos pôl-a onde havia de ficar, que será affastado do rio [1] cerca de uns dois tiros de bésta.

Andando nós n'este trabalho, em breve acudiram áquelle sitio perto de uns duzentos naturaes.

Collocada a Cruz com as armas e diviza de Vossa Alteza, que lhe pregaram, [2] armou-se um altar junto d'ella. N'elle celebrou missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e officiada pelos religiosos já referidos.

Ahi estiveram comnosco, assistindo ao sacrificio divino, uns cincoenta ou sessenta dos naturaes, todos de joelhos como nós, e quando foi ao Evangelho, que nos pozemos de pé com as mãos erguidas, elles tambem se levantaram e alçaram as mãos, estando assim até a acabar, tornando-se depois a ajoelhar tal qual como nós. E quando levantaram a Deus, que tambem nos ajoelhámos, elles nos imitaram levantando as mãos e de tal maneira se conservaram attentos e socegados que, certifico-o a Vossa Alteza, nos causaram muita devoção.

Assim estiveram comnosco os naturaes até acabada a communhão, e depois d'ella commungaram os religiosos e os sacerdotes e o capitão com os nossos. Então alguns d'elles, por o sol estar muito forte, se levantaram, ficando outros. Entre estes via-se um já idoso dos seus 50 ou 55 annos, que ajuntava os que se tinham alli conservado e chamava mais alguns; e, andando elle entre os seus eguaes, lhes falava apontando para o altar e para o céo, como que dizendo alguma cousa a tal respito.

Terminada a missa tirou o padre a vestimenta de cima e ficou com a alva, e assim subiu para uma cadeira junto do altar. Ahi nos prégou do Evangelho e dos Apostolos, por ser relativo ao dia, tratando no final da prégação d'este proseguimento tão santo e tão virtuoso, com o que nos commoveu bastante.

Os naturaes assistiram á pratica, olhando sempre, como nós, para o prégador; e o velho a que me referi continuava chamando alguns para que viessem para alli. Uns vinham, com effeito, outros iam-se logo.

Acabado o sermão, trouxe Nicolau Coelho muitas Cruzes de estanho com crucifixos, que lhe tinham ficado ainda da outra viagem e deu-as a frei Henrique, o qual assentado junto da Cruz as foi pondo com um fio ao ao pescoço dos naturaes, fazendo-lhes primeiro ajoelhar, pôr as mãos e beijar a Cruz. Foi grande o numero dos que accorreram, levando Cruz ao pescoço cerca de uns quarenta ou cincoenta.

Quando toda esta ceremonia se acabou seria já bem uma hora e meia da tarde, pelo que viémos para bordo jantar. Para aqui trouxe o capitão aquelle velho que apontou para o altar e para o céo, e a um irmão d'elle, aos quaes recebeu com muita honra. Ao primeiro deu-lhe uma camisa mourisca e ao segundo uma mais ordinaria.

Por tudo isto me parece que a esta gente só falta para se tornar christã o entenderem-nos. Tanto mais que o fazerem o mesmo que nos viam fazer indica não conhecerem a idolatria nem terem qualquer adoração.

Bem creio, pois, que, se Vossa Alteza aqui mandar quem mais se demore entre elles, elles se tornarão á fé christã, como é seu ardente desejo. E se, para isso, alguem vier, não deixe logo de o acompanhar um clerigo para os baptisar, porque então já devem ter mais conhecimento da nossa fé pelos dois degredados que aqui ficam, os quaes tambem hoje commungaram.

Entre todos os naturaes que estiveram á missa não vimos senão uma mulher, a qual alli se conservou do principio ao fim. A ella se deu um panno para se cobrir e lh'o pozeram em volta do corpo, mas não tratou ella de o estender muito para que se cobrisse. Bem se vê, senhor, que a innocencia d'esta gente é tal que a de Adão no paraizo não seria maior. Quem em tanta pureza vive, ensinando-se-lhe o que convem á sua salvação, deve com certeza converter-se.

As ceremonias da collocação da Cruz, sua benção, missa e sermão, terminaram com o irmos todos nós, um por cada vez, beijar a Cruz e despedirmo-nos d'ella. Só depois d'isto é que voltámos ás náos para comer.

Julgo que com os dois degredados que aqui deixamos, ficam mais dois grumetes, que a noite passada fugiram n'um esquife d'esta náo para terra. Se elles não voltarem ainda hoje, com toda a certeza que cá ficam, pois nós amanhã, se Deus quizer, nos partiremos d'aqui.

Parece-me que esta terra terá umas vinte e cinco legoas de costa, desde a ponta que vimos mais ao sul até á outra ponta que vem mais ao norte, e que nós d'este ponto alcançamos vista. Tem ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas outras brancas, e a terra por cima é toda chã e cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda a praia muito chã e formosa. [1]

[1] Este rio ficou chamando-se de Santa Cruz, designação tambem dada mais tarde ás novas terras, mas que, como referimos em nota, se mudou para *Brazil*.

[2] Os historiadores discordam ácerca da collocação na Cruz das divizas alludidas. O piloto d'esta armada, que tambem escreveu uma carta narrando os acontecimentos, não se refere a ellas, mas Caminha parece ser mais meticuloso.

[1] Esta rapida descripção mostra que á primeira vistas e julgou uma ilha aquella parte do continente americano. Tanto assim que os descobridores a denominaram ilha de Vera Cruz, como se vê das rubricas da carta de Vaz de Caminha.

O sertão, visto do mar, pareceu-nos muito grande, porque ao estender os olhos não podiamos ver senão campo e arvoredo, que julgámos ser terra muito comprida.

Até agora não pudemos saber que haja aqui ouro, prata ou outro qualquer metal, porque não vimos aos naturaes um unico objecto feito d'elles. Quanto á terra é muito boa, tendo bons ares, um pouco frios e temperados como os de entre Douro e Minho, porque n'este tempo de agora os achamos como os de lá. Tem muitas agoas, e de tal maneira é cortada por ellas que, querendo-a aproveitar, dar-se-ha n'ella toda a especie de cultura pelas boas agoas que tem; mas o melhor fructo que n'ella se pode fazer é salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza lhe mande lançar.

Perdoe-me Vossa Alteza se na narrativa do que n'esta terra vi me alonguei um pouco, pondo tudo pelo miudo, mas quero mostrar empenho de bem a servir. [1]

(Continúa).

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

(Concluido do n.º antecedente)

XXVII

O Martinho dormia na cama. Batem-lhe na vidraça.

— Quem está lá?

— Eu... o David.

— Que me queres?

— Abra, patrão... Um caso serio para contar-lhe.

O Martinho salta da cama, accende a vella e enfia as calças á pressa. Deita um olhar para a cama da Gertrudes: sem ninguem. E que adormeceu na sala, em cima da costura, porque já nunca dorme a horas.

— Que temos? pergunta o Martinho ao velho David, que entrou no vestibulo sem um fio enxuto.

— Patrão, diz elle observando o outro a soslaio, por debaixo da pala do bonnet... São os taes vinte e oito annos de casa... e como seu defunto pae foi sempre bom para mim...

— E' para isso que me acordas a deshoras?

— E' que esta noite, quando acordei, e ouvi as bategas d'agua, assustei-me ao lembrar-me que não estavam levantadas as comportas... e tanto haviamos de suster as aguas que ámanhã não podiamos moer...

— Não te disse já mil vezes, toleirão, grita o Martinho, que só se levantam as comportas quando haja descoalho dos gêlos! Em caso de cheia não vale nunca a pena.

— Por isso as não levantei, replica o David.

— Ah!... E depois?

— Porque, chegando ao açude, dei com dois namorados na ponte...

— E para isso...

— E disse comigo que aquillo era uma vergonha, um escandalo, e que não podia continuar.

— Pois deixa-os adorarem-se com mil diabos!

— E' que eu devia isto ao patrão... Se o senhor João e cá a patroa...

Não o deixam acabar... A mão do Martinho atirou-se-lhe ás goelas.

Que lhe deu?... Desgraçado! Congestiona-se-lhe a cara, toda arroxeada, incham-se-lhe as veias da testa, parecem querer-lhe os olhos sahir das orbitas, apparece-lhe aos cantos da bocca uma espuma branca.

Exhala uma queixa que lembra um uivo de chacal; e, com um empurrão atirando com o David, rasga ao meio o collarinho... Respira profundamente duas ou tres vezes como um homem que suffoca; depois ruge com violencia de repente desencadeada.

— Onde estão elles?... Ah! vão pagal-o!...

Representaram uma farça... Quizeram brincar comigo... Onde estão elles? Vou esmagal-os, esmagal-os, onde quer que estejam!

Arranca a lanterna das mãos do Martinho, petrificado pelo espanto, e sai correndo. Desapparece sob o telheiro e sai um segundo depois. Sobre a cabeça brilha-lhe o ferro d'um machado... Faz girar a lanterna tres ou quatro vezes em toda a extensão do braço e atira-a depois, longe, para o meio das aguas e corre para o açude.

— Vem gente, murmura a Gertrudes, mais estreitamente agarrando-se ao João.

— Qualquer trabalho nas comportas, responde este no mesmo tom. Não te mechas e não tenhas medo.

O vulto sombrio caminha apressado... Um grito, lembrando o rugido d'uma fera, atravessa a noite, dominando os roncos do temporal.

E' o Martinho, diz o João, recuando uns passos a cambalear.

Mas depressa se apruma, abraça a Gertrudes e arrasta-a para junto dos madeiramentos do açude, onde ambos se acoitam na treva mais densa.

Mesmo junto d'elles, ao nivel da cabeça, passa o Martinho levado pela furia. O machado, alto brandido, scintilla ao pallido clarão da espuma branca.

Pára do outro lado do açude. Parece com o olhar interrogar a enorme planicie que se estende sem uma arvore, sem uma só moita, na escuridão uniforme.

— Põe-te de atalaia na represa do moinho, David! grita para o lado da casa com voz de trovão. Devem estar na varzea; lá os encontrarei!

O João deixa escapar uma exclamação de terror. Comprehendeu as tenções do irmão: quer erguer a porta levadiça para os fechar a ambos na ilha. . E é exactamente por detraz de Gertrudes que está pendente a cadeia por que é preciso puxar-se para erguer a ponte.

Seu primeiro pensamento é este: «Protege a mulher!» Solta-se dos braços da Gertrudes e galga n'um pulo o talude da margem para se offerecer como victima á furia do irmão.

A Gertrudes solta um grito estridente. D'aqui o João em perigo de morte, d'ali o Martinho fóra de si... Brilha o machado. . Mas por detraz d'ella a cadeia, o annel de ferro, que quasi lhe toca na cabeça... Pega-lhe com as mãos tremulas, suspende-se com todas suas forças e no mesmo instante em que o Martinho põe pé na ponte, levanta-se esta rangendo.

O João nada viu de tudo isto; só vê uma sombra lá em cima e a claridade do machado. Uns passos mais e a morte vai sobre elle abater-se. Então, deante da imminencia do perigo atravessa-lhe o espirito a lembrança da mãe, do que ella disse um dia ao irmão furioso:

— Lembra-te do Fritz! grita ao Martinho que vem avançando.

E olhem! cai-lhe das mãos o machado, cambaleia, cai... Um baque... um borbulhar das aguas .. desappareceu.

O João atira-se para a frente, tropeça na ponte levantada; aos pés d'elle um boraco negro aberto.

— Irmão! irmão! grita com angustia doida.

Tudo esquece, nada sente. Uma só idéa: «Salva o teu irmão!» lhe retumba na cabeça.

Com um gesto violento atira fóra o capote: um salto... a bulha surda d'uma queda contra uma aresta viva...

A Gertrudes, meia desmaiada, agarra-se á cadeia; vê passar nas aguas transparentes um vulto sombrio, alongado, que galga como uma setta o plano inclinado do açude e desapparece nos turbilhões de espuma. Um segundo depois outro vulto... Como duas sombras passaram por deante d'ella.

A Gertrudes ergue os olhos para o madeiramento. Lá em cima tudo é socego, tudo é vasio. O temporal continua uivando... rugem as aguas. E ella cai na margem sem sentidos.

No dia seguinte pela manhã fôram tirados do rio os cadaveres dos dois irmãos. Um ao lado do outro eram baloiçados pelas ondas; um ao lado do outro os enterraram.

XXVIII

A Gertrudes parecia paralysada pela dôr.

Estupida, sem lagrimas, tinha os olhos pasmados para a frente; não queria vêr parentes, nem o proprio pae; só tolerava ao pé d'ella o Franz Maas. Mostrou-se este lealmente dedicado, afastando de casa os extranhos e encarregando-se de tratar com as auctoridades. Por um pouco que se não abriu contra ella um inquerito por causa de certas insinuações ambiguas do David.

Mas se o que dizia o velho criado era incompleto e confuso para base de accusação, entretanto bastou para infamar a Gertrudes Felshammer e tornal-a aos olhos do mundo criminosa. Quanto mais timidamente ella fugia de toda a sociedade e, afflicta, fechava a todos os extranhos a porta do moinho, tanto mais extravagantes eram os boatos que a seu respeito corriam. Puzeram-lhe a alcunha de «a Bruxa do moinho;» as historias que se contavam passaram de geração em geração.

O moinho passou o povo a chamar-lhe «o Moinho silencioso.» Arruinaram-se as paredes, apodreceram as rodas, o rio, que scintillava, foi invadido pelas ervas; e, quando o governo mandou fazer um canal que desviou a principal corrente para cima de Marinfeld, transformou-se n'um fosso de lama, nada mais.

E a Gertrudes? Isolou-se completamente; pouco depois nem podia tolerar o unico amigo e e fechou-lhe a porta. Considerava-se uma criminosa. Tamanha angustia levou-a a procurar um confessor e atirou-a para os braços da egreja catholica. Viram-a prostrada em frente d'um crucifixo, de joelhos á porta das egrejas, desfiando as contas, ferindo a cabeça nas lages.

Expiava assim o grande crime que se chama «mocidade».

FIM

A CAMPANA DOS MORTOS

Quasi todos os meus collegas e amigos me acompanhavam á ultima morada, em trens, que tinham alugado de sociedade, aos quatro e quatro, para sahir mais barato, mas, emfim, cumpriam assim esse dever de camaradagem.

Dividiam-se em tres grupos.

Os que eram verdadeiramente meus amigos, os que vinham *por acompanhar os outros* e os que vinham por pandiga.

Os amigos, que eram poucos, iam cabisbaixos, pensativos, scismando no *que a gente é.*

— Ora, quem havia de dizer!...

— E' verdade, assim, tão de repente...

— Ainda hontem estive com elle... parece impossivel.

— E olhem que era bom rapaz, muito amigo dos collegas... não ha nada que se lhe dizer.

— Oh! decerto, não ha ninguem que diga mal d'elle.

Os que vinham *por acompanhar* os outros:

— Aqui para nós esta cousa hoje fez-me transtorno.

— Tambem a mim, tinha umas voltas a dar...

— Eu tive de pedir esta calça emprestada; não tenho calça preta.

— Que diabo, foi pena não morrer outro dia qualquer!

— E' verdade, e depois parece mal não acompanhar...

Os que vinham por pandiga:

— Isto hoje *calhou.*

— E o maganão apanhou um dia bem bonito.

— A gente á volta pára alli, no Poço dos Mouros, sim?

— Está dito, vamos ao peixe frito e salada.

— Já agora acaba-se o dia na pandiga.

— Podera.

— Eu assim como assim, não faço mais nada hoje...

— Nada, que ámanhã posso ser eu que vá para os *anjinhos.*

E eu, estendido ao comprido dentro do caixão, via e ouvia tudo isto sem poder mexer-me de onde estava.

Parecia que o meu espirito pairava por cima do corpo frio, enregelado, e olhava para *mim mesmo*, aterrado, ao lembrar-me que nunca mais poderia fallar com os que cá ficavam.

* * *

Quando chegámos perto do cemiterio, ouvi distinctamente a campana dos mortos annunciar a entrada de um corpo n'aquella mansão de repouso.

Quem seria?

---

[1] Termina aqui a carta de Pero Caminha, accrescentando elle um pedido ao soberano: o de mandar vir seu genro, Jorge Dosoiro, da ilha de S. Thomé para a corte.

A assignatura e data da carta são as seguintes:

«D'este Porto Seguro da vossa Ilha de Vera Cruz, hoje sexta feira, primeiro dia de maio de 1500—*Pedro Vaaz de Camjnha*».

No sobrescripto:

«A el-rei Nosso Senhor.»

Seria rico ou pobre?
Velho ou moço?
Homem ou mulher?
E fiquei-me a pensar se iria para proximo da minha cova, se iriam enclausurar aquelle corpo n'algum jazigo frio.
E como tudo aquillo devia ser medonho...
Se era verdade que o espirito vagava de noite por sobre os corpos, como devia ser horrivel, pela noite velha, ver aquellas almas, em continuo pandemonio, até que o canto alegre da cotovia annunciasse a madrugada...

* * *

Um outro toque da campana dava signal aos vivos que se *approximava* um morto.
O morto era eu.
O carro chegou á frente da porta do cemiterio e parou. Então, os moços da companhia funeraria, que até alli me tinham acompanhado de brandões acesos, pegaram ás argolas do caixão, desceram-n'o do carro e foram-n'o pousar no primeiro banco de ferro, que se encontra a alguns passos da porta principal.
Alli, os convidados pegaram ás borlas e depois tornaram-se a pôr a caminho, direitos á egreja, d'onde em seguida ás cerimonias do estylo, me conduziram para a cova.
Quando chegámos perto da minha cova, senti um estremecimento, ao lembrar-me que a terra, acumulada em montes que se viam aos lados, iria toda para cima do meu pobre corpo.
Parecia sentir-lhe já a humidade e que uns bichinhos negros, muito compridos, que via ás cabriolas rebolarem-se por cima d'ella, me começavam a espicaçar, a roer pouco a pouco, como se saboreassem um apetitoso manjar.
Quiz antes de ser sepultado n'aquella horrivel morada, despedir-me para sempre de tudo quanto me rodeava e espraiei a vista pela silenciosa mansão.
Lá em baixo, ao fundo, o Tejo parecia um immenso lençol d'agua que circumdava o cemiterio, e, do lado de lá, uns montes côr de cinza, furavam o céo com os cumes ponteagudos.
Um pequenino barco descia o rio calmo, com a vela enfunada pelo vento brando, que soprava do sudoeste e que chegando até nós nos refrescava as faces esquentadas pelo sol.

* * *

Tudo isto me passava pela vista rapidamente, como se fôra um cosmorama, quasi sem dar tempo a reflexionar.
Quando os coveiros, passando uma corda por baixo do meu caixão, iam descel-o á cova, senti novamente o toque da campana, mas d'esta vez com tal violencia que acordei sobresaltado.
— Quem é? perguntei eu de mau humor.
— O padeiro! gritaram de fóra.
— Lá vou.
E tratei de enfiar as calças e a camisa, para ir abrir a porta.
— O senhor parecia que estava morto, bati trez vezes e não me respondeu...
— Estava *morto*, estava, tornei eu, lembrando-me do sonho que acabava de ter.
Ao fechar a porta a campainha oscilou novamente, e reparei então que o som era muito parecido com o da *campana dos mortos*.

Ricardo de Souza.

Recebemos e agradecemos:

Propaganda catholica. — D'esta publicação que vê a luz em Peniche sob a esclarecida direcção do rev. p. Constantino Alvarez Alvares temos presentes varios voluminhos contendo sã leitura ministrada por forma agradavel. Eis os titulos dos livrinhos recebidos: *Devoção ao S. C. de Jesus; A desobrigar-se; Patifes frades! A egreja e a taverna; S. José, gloria e modelo do operario christão; A caridade de Christo* por D. Aurora Lista; *O solemne dia de Reis*; pela mesma illustre escriptora estrangeira, *A força protestante, Os jesuitas, O santo prelado. A religião já não está na moda*, etc.

ALTAR DE S. FRANCISCO XAVIER EM GOA

The Philadelphia Commercial Museum. — *Philadelphia 1899.*
Publicadas por esta importante instituição americana temos varias memorias, d'entre as quaes é verdadeiramente notavel uma monographia da *The Republic of Costa Rica*, por Gustavo Niederlein, chefe da secção scientifica do *Philadelphia Commercial Museum*, que trata da topographia, geologia, mineralogia, etc. de Costa Rica, descrevendo o seu clima, com grandes detalhes da sua fauna e flora em relação ao valor economico; analysa a distribuição da população e as suas condições sociaes; examina a agricultura e seu desenvolvimento, o commercio, industria, finanças, e a situação geral economica e politica. Todos os dados foram obtidos em 1897 e 1898, durante uma exploração scientifica realizada na America Central, pelo que para o estudo da Geographia Commercial relativamente áquella região é livro valiosissimo. Acompanha-o e illustra-o uma esplendida carta da America Central, de uma grande minudencia chorographica, e que archivamos com apreço.
As outras memorias teem por titulo: *The World's Commerce and The Uniteds States share of it, and American Trade with Siam*, ambas deveras instructivas.

O Instituto. — *Revista scientifica e litteraria. Vol. 46. Coimbra — 1899.*
Ha alguns mezes que esta conceituada publicação tem dado numeros *bis* aos mensaes de agosto, outubro e novembro, com o que muito exultamos. Acham-se assim bastante adiantados os varios estudos que n'elles teem vindo insertos, taes como *Memorias de Castilho, Notas de um pae, Antonio Homem, Livro das obediencias dos geraes, Subsidios para um diccionario da lingua portugueza, Doutrinas economicas de Karl Marx*, etc.

A peste. — *Aspectos moraes da Epidemia Nacional—Setembro de 1899, por Joaquim Leitão.*
Eis uma nova revista cujo summario do 1.º numero, que é habilmente desenvolvido, vem cheio de verdade:
«Porque não se ataca o Estado e sim a Nação — De como se ignora o foco da epidemia e se esquadrinha todo o canto e esquina — Alfama levando a palma á Avenida — O mau cheiro das baiucas, dos palacios e dos edificios publicos de Lisboa — O que será o resto? — Viagem á Invicta n'uma junta de bois — Invocação do Burgo do Porto, no seculo XIV — Nun'Alvares foreiro de Guerra Junqueiro — Progressos do seu emporio commercial e do crescimento da sua immundicie — A peste bubonica e as suas antepassadas — Gouache da Fonte Taurina — O que é a raça portugueza — O adynamismo nacional e as negras previsões dos nossos homens — A peste moral — Profissão de fé e apello aos que dormem — Nós e o dr. Ricardo Jorge, lynchados pelo povinho portuense.»
Do numero de outubro, falaremos mais de espaço.

Educação nacional — *Director Antonio Figueirinhas — Porto.*
Entrou no seu quarto anno de publicação este semanario portuense, defensor da instrucção e do professorado. Por este anniversario, que entre nós representa um incondicional applauso publico a tão conceituado periodico, enviamos cordeaes parabens ao seu illustrado director.
Seguindo o programma traçado, como até hoje o tem feito, é revista que deve ser apreciada em todos os tempos.